O Popular
caderno 2
Goiânia - Terça-Feira, 02 de Agosto de 1983
Editor: PAULO BERINGHS

AVÁ-CANOEIRO-I

Agonia e morte de uma raça que já foi livre e feliz

Brasigóis Felício

"Os Avá-Canoeiro foram, enfim, encontrados". A frase, despojada de maiores explicações, como está aqui, não desperta maior interesse nas pessoas. Contudo, o fato de este contato haver acontecido, é de grande importância, pelo menos para quem encara com seriedade a questão da sobrevivência dos grupos indígenas (a maioria em extinção), do Brasil. Um grupo de quatro Avá-Canoeiro foi casualmente encontrado nas serras próximas a Minaçu (são três mulheres e um homem), e encontra-se com Antonio Bonis dos Santos, funcionário da Funai. Os Avá-canoeiro, para quem não sabe, talvez sejam o único grupo indígena que ainda vive em Goiás, totalmente segregado da civilização. Há cerca de 10 anos a Funai tenta a aproximação com os "cara-pretas" na região de Cavalcante. Durante os 10 anos que a frente de atração vem tentando manter contatos com os Avá-canoeiro, quase nada de positivo foi conseguido, devido ao alto grau de irredutividade dos índios, que recusam qualquer tipo de contato com os brancos", salienta Ivan Baiochi, delegado da Funai. Ele explica que os últimos contatos entre Avá-Canoeiro e técnicos da Funai ocorreram no dia 28 de junho de 1981, na localidade conhecida por Cabeceira dos Macacos, no Rio Maranhão. Um grupo de 14 índios interceptou um funcionário da Funai e levou todos os gêneros alimentícios que encontrou em sua canoa, sem nenhum ato de violência.

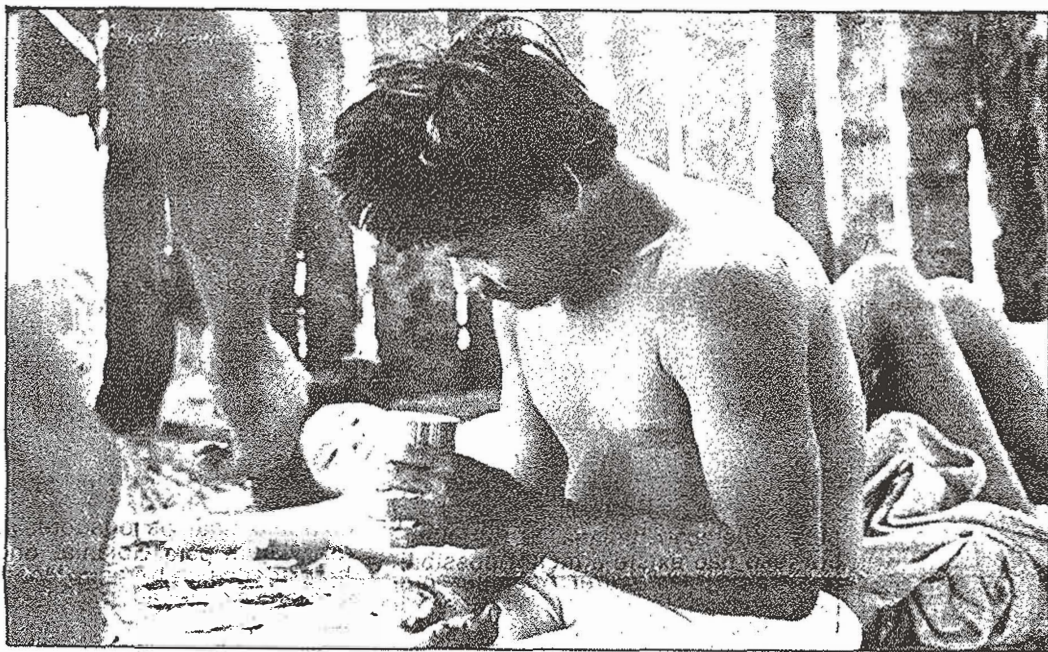
Antonio Bonis dos Santos provou, agora, que estava certo, quando afirmava, com obstinação, que existiam grupos de Avá-Canoeiro nas serras de Cavalcante, Minaçu e municípios vizinhos. Não bastasse o rápido contato que teve com esse grupo, de 14 índios, as evidências de que existem índios na região são dadas pela própria população, que notícia, roubos, matança de gado, por parte dos índios bem como o assassinato destes, por parte dos fazendeiros.

Antonio Bonis dos Santos tem sob sua guarda o grupo dos 4 Avá-Canoeiro que foram contatados casualmente. Em um barraco, na beira do Rio Maranhão, ele explica que eles foram encontrados por um rapaz da região, que vinha de uma "espera". No barraco, os indígenas escondem-se, à aproximação de estranhos, mas logo perdem o medo, passando a cercar os visitantes, apalpando seus pertences, alisando cabelo, demonstrando viva curiosidade por tudo o que vêem de diferente. Estão todos muito debilitados pela gripe, e mesmo pela fome, já que a região não oferece mais a eles condições de sobrevivência. Com sua caça reduzida e totalmente invadida por posseiros e fazendeiros, a região, muito acidentada, deixou de ser um lugar seguro para os Avá-Canoeiro, que não têm mais para onde fugir ou onde tentar a sobrevivência através da caça. Têm, então, que apelar para os roubos de milho, feijão, fumo e até para o abate de gado, para não passarem fome. Em consequência disso, eles são caçados como cães, pelos fazendeiros, que vêem na existência de grupos indígenas na região, uma ameaça às suas propriedades.

Reginaldo Gomes dos Santos, um jovem de 18 anos, conta como, voltando da caça, "deu de cara" com o grupo indígena: "Fiquei muito assustado, e eles também. Eles correram, entraram no mato; esperei um pouco, eles foram reaparecendo. Acenei para que eles me acompanhassem, e eles me seguiram, senti que estavam com fome. Na fazenda, demos comida, enquanto alguém foi chamar o Antonio Bonis, que é funcionário da Funai. Ele conta que sempre enfrentou a incredulidade geral: "Ninguém acreditava que existiam Avá-Canoeiro por aqui, embora se soubesse que fazendeiros perseguiam índios, que roubavam nas roças e até matavam vacas". Antonio Bonis diz acreditar que existam outros índios do mesmo grupo na região (já tentou o contato com eles do outro lado do Maranhão): "Este grupo se dividiu, separou-se dos outros, porque a região é fraca, já não dá alimento para todos". O espetáculo que se vê no barracão é patético: deitados, acometidos de forte gripe, os Avá-Canoeiro não dão a impressão de serem índios arredios ao contato com a civilização. As condições miseráveis de vida que levam debilitou seus corpos, e minou até a antiga e lendária resistência que sempre tiveram, em relação ao contato com os brancos.

FOTOS: HÉLIO NUNES

Antonio Bonis, da Funai, e os quatro Avá-canoeiro, já de facão, botina e roupas, iniciando a aculturação que irá acabar com sua raça, para poder salvá-los do extermínio pela fome ou pelo assassinato

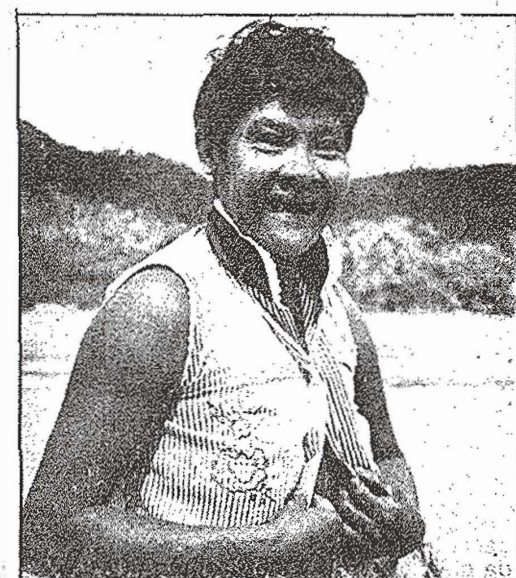
O rosto sofrido da jovem Avá, com seu grande cachimbo. Assustados e famintos, os canoeiros correm o risco da exterminação completa de sua raça

Debilitados pela gripe, já entrando em contato com a sociedade de consumo, os bravos guerreiros do passado não tiveram outra alternativa, senão a de, para não morrer, suicidar-se culturalmente

Os Avá já lidam há muito com restos de enxada, para fazer suas armas. Só que agora já utilizam o lixo da sociedade de consumo. É o preço que têm de pagar pelo "progresso" que lhes tirou a chance de sobrevivência

Esta talvez seja uma das últimas sobreviventes dos avá-canoeiros de Goiás. Ainda em pânico, como animal acuado, começa a se render à cultura dita "civilizada"

Enquanto eles se ocupam em fumar seus grandes cachimbos (que eles mesmos fabricam, com restos de ferramentas achadas nas roças), Antonio Bonis explica que está tendo dificuldades em alimentá-los. Pegou dois jaús e várias corvinas no Rio Maranhão e eles comeram tudo em dois dias. O grupo é constituído de um índio, de mais ou menos 25 anos; uma índia, aparentando ter 40 anos; outra mulher, de mais ou menos 30 anos, e uma mais jovem, de mais ou menos 18 anos. Já não estão nus, como quando foram encontrados — o funcionário da Funai está condicionando-os ao uso de roupas, no que não encontrou qualquer resistência. Falam uma língua que ninguém entende (aguardava-se a chegada de um intérprete, junto com a expedição da Funai, vinda de Araguaína). Comem tudo o que se lhes oferecem. Antonio Bonis está, como os índios, em dificuldades: "Comprei alimentos em Minaçu, tudo fiado, já não tenho dinheiro para comprar carne. Eles comeram o peixe que pesquei — e agora, o que vou dar para os índios?", indaga o funcionário da Funai, falando sobre a dura vida que leva, passando meses longe da família, no mato bruto, para ganhar pouco mais do que quarenta mil cruzeiros. Como não há possibilidade de diálogo com os índios, o repórter tem que se contentar em observar seus hábitos, aparência, e o modo como assimilam (ou não), a nova cultura, que desconheciam inteiramente.: "Morrem de medo do rio", diz Antonio Bonis — embora sejam bons remadores. Fabricam armas com restos de ferramentas; não têm mais aldeias, já que a região está muito habitada por fazendeiros hostis a eles. Vivem do que catam nas roças: abóbora, milho, fumo, arroz. Não usam sal na comida. Comecei a ensinar ao índio e no outro dia ele derramou um quilo de sal no feijão — eles não têm noção dessas coisas": os Avá-Canoeiro são nômades, levam animais como macacos, consigo, sabem fiar e lidar com instrumentos de corte, como o facão. O índio ganhou um e não se separa dele. Bonis ensinou-o a pronunciar "capivara" — ele diz: "capivota". O boi, é chamado por eles de "úúúú!". Para Bonis dos Santos, a direção da Funai terá que dar assistência ao grupo de Avá-Canoeiro, porque dificilmente eles sobreviverão, se forem largados no mato. Além disso, podem servir de atração para os sobreviventes dessa nação indígena.

Os Avá-Canoeiro, têm fama de terem sido valentes. Já foram, realmente, foram levados a isso pelas constantes agressões e massacres que sofreram. Originalmente, eram índios pacíficos, tendo tido contatos e cruzamentos com negros fugidos dos quilombos. Acuados, famintos, caçados como cães, eles transformaram-se em criaturas arredias, medrosas, pois vêem em cada branco o "pum" com que tentam exprimir o pavor que sentem diante da simples visão de um revólver (ou até da máquina fotográfica, que os assustou um pouco). Talvez por terem sido muito judiados, demorou mais este contato, a que eles foram forçados, pela fome. Esses contatos já vinham sendo tentados há alguns anos, sem sucesso. Na época do ex-sertanista Israel Praxedes, grupos de aproximação deixaram presentes nas localidades próximas aos aldeamentos. Alguns presentes eles levavam, outros eles queimavam. Toda atividade como cozinhar pertence ao índio — as mulheres, talvez por estarem debilitadas pela forte gripe, ficam mais deitadas. Numa visão contrastante, tomam doril com chá de limão, para a gripe, e experimentaram o guaraná em lata, que levamos como presente. Gostam muito de balas, melancia. Como sinal do rápido aprendizado, o índio tomou de seu facão, e improvisou um copo, aparando ainda as arestas que poderiam ferir sua boca. Isso vem comprovar a tese de que os Avá-Canoeiro já lidam há muito com metais. Já fumam cigarros de papel e acendem fósforos e isqueiros, os poucos sobreviventes deste lendário grupamento indígena, que se encontra em plena extinção.

A visão dos quatro índios aniquilados pela gripe, e já começando a ver deteriorada sua cultura e seus costumes é no mínimo trágica. De outro modo, caso insistam em permanecer arredios, morrerão, ou assassinados por fazendeiros ou vítimas de uma epidemia que grassa com igual violência entre os brancos: a fome. Ao nos despedirmos do funcionário da Funai e dos quatro índios, tivemos a triste e melancólica impressão de que ali estavam praticamente os últimos sobreviventes "de uma raça que já foi muito feliz". Pensar que todo dia era dia de índio, e ver aqueles Avá-Canoeiro tão valentes, acossados e famintos como cães de rua. Êta Brasilzim danado!

Os bravos guerreiros vencidos pela fome

QUEM são, afinal, os Avá-Canoeiro, ou os "Caras-Preta"? Para início de conversa, é preciso dizer que eles têm esse último nome pela miscigenação com os negros, que fugiam dos quilombos. Eles eram uma nação hospitaleira, que recebiam como se fossem seus integrantes todos os que os procuravam. Perseguidos pelos senhores de escravos e depois pelos fazendeiros, foram sendo acuados, passando muitas vezes a atacar fazendas. Posteriormente, eles se dividiram em dois grupos, um continuando no nordeste estadual e outro seguindo para a região do Araguaia, onde há pouco tempo Apoena Meirelles os pacificou, numa arriscada e fulminante operação. O sertanista e alguns índios de sua confiança invadiram a aldeia, no município de Formoso do Araguaia, soltando foguetes, gritando e se abraçando com os silvícolas que ali viviam. Um dos acompanhantes de Apoena foi flechado no nariz. Os Avá-Canoeiro eram apenas nove pessoas, todas subnutridas e apavoradas.

O primeiro contato com os Avá-Canoeiro do Araguaia foi feito por Apoena Mirelles. A atração vinha sendo tentada há cinco anos. Para consolidar o contato, Apoena foi obrigado a deixar de lado a tática conhecida como "namoro", e utilizar uma diferente, já usada uma vez por seu pai, Francisco Meirelles, quando da atração dos índios Mekranotire, no Rio Curuá, no Estado do Pará. No início de dezembro, Apoena encontrava-se na fazenda Canuanã, quando foi chamado por um vaqueiro que lhe informou que havia encontrado restos de um boi recém-abatido. Imediatamente, Apoena e sua equipe se deslocaram para localizar o novo aldeamento da tribo. Eram cerca de 20 índios. Apoena e os índios Xavante entraram na aldeia pulando, gritando e levantando as mãos para o alto, mas os Avá-Canoeiro corrreram para trás dos tapiris e dispararam suas flechas contra o grupo. Uma das primeiras flechadas atingiu o xavante Xidovi, no rosto, mas ninguém reagiu. O xavante caiu sangrando abundantemente e Apoena, então, deu ordens para que todos soltassem os foguetes que traziam consigo. Isso assustou os Avá, que jogaram suas flechas no chão e correram para os tapiris. Mesmo com seu companheiro ferido, os Xavante acompanharam Apoena, que correu em direção aos Avá-Canoeiro e os abraçaram. Houve sorrisos, risadas e muitos abraços.

Após passar várias horas confraternizando com os índios, Apoena decidiu regresssar ao seu acampamento. Dois dos Avá, decidiram acompanhá-los. A expedição pernoitou num local chamado "capão de areia", e na manhã seguinte até o acampamento. Os Avá-Canoeiro são de côr parda, tipo físico brevilíneo, cabelos lisos. Utilizam redes e suas flechas possuem pontas de ferro. Conhecem o artesanato em couro. Entretanto, vivem completamente nús, e sua pintura corporal se resume em leves traços feitos com tinta de jenipapo. Não usam qualquer adorno. Apesar de desinibidos, os Avá-Canoeiro não se mostram curiosos em relação aos civilizados. Não se interessam pelo rádio, avião e nem pelo jipe. Sua alimentação se baseia no gado, que vinham abatendo (e eram por isso abatidos pelos fazendeiros), e no que roubam das roças. Para Denise Meirelles, a alimentação é a gênese da sociabilidade: "Quando um grupo consegue desenvolver um equilíbrio entre suas necessidades e a satisfação destas, passa a ser criativo. Ilhados nas matas que mancham os grandes latifúndios, os avá-canoeiros parecem fazer parte deste grupo. Nesse sentido, sua existência parece mesmo fantástica. Caçadores nômades, com pouco espaço para se expandirem, o grupo tem no gado bovino a sua principal fonte de alimento. A dramaticidade de sua luta pela sobrevivência salta aos olhos. Adaptaram-se muito bem ao convívio com os habitantes da fazenda, confirmando a nossa suspeita de que estavam à espera de uma mão amiga. Uma mão que aliviasse o seu sofrimento, de fugas constantes, do medo e da fome".